

## UMA NOITE NO MUSEU: APROXIMAÇÕES ENTRE PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

JOANNA DE LIMA CHAVES<sup>1</sup>; ANA INEZ KLEIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas - ijoannalima@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas - anaiklein@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O projeto “Uma Noite no Museu - Ações Educativas no Museu do Doce para turmas do EJA/Pelotas” é uma parceria entre o Museu do Doce, a Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas e a disciplina de Educação Patrimonial do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pela professora Ana Inez Klein.

No primeiro semestre de 2024, a disciplina de Educação Patrimonial do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas teve como objetivo desenvolver um projeto voltado à Educação Patrimonial, contribuindo para a integralização da extensão no curso. Nesse contexto, as ações educativas em museus assumem papel fundamental, pois possibilitam a construção de vínculos entre a sociedade e o passado por meio do patrimônio histórico e cultural.

A alfabetização cultural, objeto de uma Educação Patrimonial no seu sentido mais amplo, pode ser compreendida como um processo permanente e organizado, que busca capacitar os membros de uma comunidade a reconhecerem os elementos do seu entorno como portadores de significados compartilhados, valorizados coletivamente e, por isso, dignos de cuidado e preservação. Assim, como destacado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:

O que se almeja é a construção coletiva do conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhecem suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local. (IPHAN. 2014, p.22).

A proposta de educar para o patrimônio se apresenta não apenas como uma alternativa viável, mas também como uma dimensão indispensável dentro do campo das instituições educacionais. Nesse cenário, o museu exerce um papel central ao assumir o compromisso de promover um diálogo permanente com a sociedade, oferecendo à comunidade experiências de contato com a memória, a cultura e a história.

A universidade, por sua vez, desempenha a função de pesquisar, problematizar e criar estratégias que ampliem sua relação com a comunidade, fortalecendo vínculos sociais e acadêmicos.

Já a escola constitui um espaço fundamental para a continuidade e consolidação desse processo, uma vez que, por meio de suas práticas pedagógicas de longo prazo, possibilita a formação cidadã e crítica de seus estudantes.

É na intersecção e na complementaridade desses três espaços de atuação — museu, universidade e escola — que se encontra o alicerce deste projeto, sustentado pela convicção de que o ensino e a cidadania, dentre tantas

possibilidades, podem convergir para ações de valorização e preservação do patrimônio cultural.

As práticas educativas desenvolvidas nos museus desempenham um papel essencial ao fortalecer o contato do público com o patrimônio histórico e cultural que o envolve, mas que, muitas vezes, permanece distante da realidade ou do cotidiano de diferentes grupos sociais. Essa situação é especialmente evidente entre estudantes que frequentam escolas e universidades no período noturno, os quais raramente encontram oportunidades de participar de atividades que articulem ensino e comunidade, nesse turno.

Com esse cenário em vista, o presente projeto busca criar um espaço de atuação para estudantes do curso de Licenciatura em História da UFPel, ao mesmo tempo em que promove a integração do público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas séries iniciais do município de Pelotas, em atividades, noturnas voltadas à educação patrimonial.

Reconhecendo o potencial das ações educativas para ampliar a capacidade crítica dos sujeitos sociais e favorecer a construção de vínculos de pertencimento, a partir da valorização dos bens culturais presentes no cotidiano da cidade, a direção do Museu do Doce, vinculado à Universidade Federal de Pelotas, firmou-se como parceira fundamental na realização deste projeto.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia realizada do projeto no semestre vigente tem cunho participativo, de caráter qualitativo, organizada em etapas de planejamento, execução e avaliação com objetivos definidos e resultados esperados.

Etapa 1: apropriação teórica, debates, leituras, definição das referências. Nesse período, foi realizada a apropriação teórica por meio de aulas expositivo-dialogadas, leituras, estudos e produção de textos sobre os temas definidos. Foi preparado também a preparação da mediação para os alunos do EJA das escolas participantes. Ao final, o projeto foi concluído e os resultados desse percurso teórico foram socializados com o grupo.

Etapa 2: escrita coletiva do projeto e encaminhamento para a Secretaria de Educação, setor EJA, do município de Pelotas;

Etapa 3: visitação Guiada da turma de estudantes universitários ao Museu do Doce e debate sobre a experiência;

Etapa 4: elaboração da ação educativa no museu (sensibilização, aplicação, registro, avaliação) e definição das escolas;

Etapa 5: preparação dos mediadores.

Etapa 6: organização do deslocamento das/os estudante das escolas EJA e aplicação das atividades;

Etapa 7: “Uma Noite no Museu”;

Etapa 8: avaliação dos resultados;

Etapa 9: finalização da Disciplina.

O trabalho envolve a participação ativa dos estudantes de licenciatura, futuros professoras e professores de História, na construção do conhecimento, com intervenção prática em um contexto real (universidade, museu, secretaria e as escolas), articulando teoria e prática, já que inclui diferentes sujeitos e instituições, estimulando a cooperação e o diálogo entre os participantes.

## 3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

As etapas do projeto foram planejadas de forma criteriosa, buscando garantir a participação efetiva dos diferentes segmentos envolvidos na parceria (a disciplina, o Museu do Doce, a Secretaria Municipal de Educação e as escolas). A execução das ações esteve sob a responsabilidade da turma da disciplina de Educação Patrimonial de 2024 e 2025, do curso de Licenciatura em História da UFPel, que assumiram, como principal compromisso, a organização das atividades junto às instituições escolares.

Na edição de 2024, foram atendidos 10 estudantes/docentes do Colégio Municipal Pelotense, 6 estudantes/docentes da E.M.E.F. Francisco Caruccio e 21 estudantes da E.M.E.F. Ministro Fernando Osório.

No ano de 2025, foram atendidos 12 estudantes/docentes do Colégio Municipal Pelotense e 20 estudantes/docentes da EMEF Piratinino de Almeida.

Os resultados esperados são de contribuir para contemplar as diretrizes da integralização da extensão, no curso de licenciatura em História da UFPEL, sensibilizar os futuros professores de História, egressos do curso, para o tema da educação para o patrimônio e a alfabetização cultural, fomentar a visitação ao Museu do Doce da UFPEL e oferecer aos estudantes do projeto de Educação para Jovens e Adultos das escolas municipais de Pelotas um espaço não formal de educação para a realização de atividades interdisciplinares, relacionadas ao patrimônio local.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

A casa que hoje abriga o museu teve sua construção iniciada em 1878 e foi inaugurada em 7 de setembro de 1808. Além de ser lar da família Antunes Maciel, até os anos 1950, a casa também abrigou o Comando da 3a Divisão de Infantaria, durante a ditadura. Em 1977, a casa passou pelo processo de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e posteriormente a casa foi alugada para a Prefeitura Municipal de Pelotas. Por fim foi comprada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) que a detém até os dias atuais.

A escolha da casa do Conselheiro Maciel para se tornar o museu do doce não foi um acaso. Ela foi o resultado de políticas de investimento no patrimônio cultural do município, visando associar dois patrimônios da cidade em um só lugar: o patrimônio material, representado pela casa e o patrimônio imaterial, representado pela tradição doceira de Pelotas.

Em 2018, o doce da cidade de Pelotas foi reconhecido como patrimônio cultural brasileiro, evidenciando a importância histórica da tradição doceira e das políticas públicas que a acompanham.

O doce desenvolveu-se inicialmente no contexto do auge do desenvolvimento da cidade de Pelotas em torno da produção charqueadora, sua Belle Époque, entre 1860 e 1890. Por isso é muitas vezes associado à manifestação da riqueza charqueadora. Para além da estética das casas, a confecção de alimentos, especialmente o doce, que passa a ser não apenas ferramenta de comunicação da riqueza familiar, mas também seu grau de civilidade (Leal, 2019, p. 85-86).

A combinação de técnicas e receitas trazidas pelos colonizadores portugueses com os saberes locais africanos e indígenas resultou em uma tradição doceira distinta, que reflete a diversidade de influências culturais na região. O resultado é uma doçaria que não apenas preserva tradições antigas, mas também se adapta e evolui com o tempo, mantendo-se relevante para a comunidade e para visitantes (Leal, 2019, p. 76).

O Museu do Doce da UFPel foi criado pela portaria número 1.930, de 30 de dezembro de 2011, com a missão de “salvaguardar os saberes e fazeres da tradição doceira de Pelotas e região, bem como, promover a pesquisa e a divulgação desse patrimônio”. A criação do museu é uma conquista da comunidade doceira que, através de negociação realizada com a Secretaria Municipal de Cultura e com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)”. (Gastaud; Cruz; Leal; Sá; Castro. 2014. p. 92)

A educação patrimonial apresenta-se como uma alternativa necessária no campo das instituições educacionais, seja no museu, com seu compromisso de diálogo com a sociedade; na universidade, com sua busca por ações que a aproximem da comunidade; ou na escola, com suas potencialidades em processos educativos de longo prazo.

É na confluência desses três espaços, museu, universidade e escola, todos voltados para o ensino e para a formação cidadã, que este projeto se insere, voltado, em especial, à preparação de futuras professoras e futuros professores de História.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESSEGATTO, Maurí Luiz. **O patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas.** Santa Maria: Evangraf, 2004.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- COELHO, Samary Pinheiro; CUTRIM, Klautenys Dellene Guedes. A base nacional comum curricular e sua contribuição para a preservação do patrimônio. **NAEA**, v. 1, n. 3, p. 2-15, 2020.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra; RAMBELL, Gilson. **Patrimônio cultural e ambiental: questões legais e conceituais.** São Paulo: Annablume-FAPESP, 2009.
- GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- HORTA, M.L.P., GRUNBERG, E. & MONTEIRO, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN / Museu Imperial, 1999.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos.** Brasília, DF: IPHAN, 2014.
- LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **A trajetória de uma Construção Patrimonial: A tradição doceira de Pelotas e Antiga Pelotas na Constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas/** Noris Mara Pacheco Martins Leal. – 290 p.: il. – Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Pelotas, 2019.
- PELEGRINI, Sandra. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental.** Revista Brasileira de História, v. 26, n. 51, 2006.
- RÊSES, Erlando da Silva et al. Contribuição do Materialismo Histórico e Dialético para o estudo da EJA. In: RODRIGUES, Maria Emilia de Castro; MACHADO,

Maria Margarida (org.). **Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores: Produção de conhecimentos em rede**. Curitiba: Appris, 2018. p. 79-102.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Educação Patrimonial e Políticas de Escolarização no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 467-489, abr./jun. 2016.